Perda do Trabalho, Perda da Identidade

Eugène Enriquez

Doutor em Sociologia pela Université Paris-Ouest-Nanterre-La Défense Diretor de Pesquisa do Centro de Pesquisa Clínica e Sociológica

Em certa medida, minha exposição estará sob o sinal da resistência à Totalidade. Ou seja, vou tentar mostrar como, em nossas sociedades, a atém disso, que também nos ensina que pode parecer ser o caso da totalidade, desempenhando o nosso papel de ator social, de sujeito social, que ou chame de sujeito histórico, é possível.

Para ir direto ao cerne do assunto que me cabe: nosso tema é "Perda do Trabalho, Perda da Identidade". Vou, de início, tentar mostrar como, em nossas sociedades, a perda do trabalho não significa absolutamente o que significava, em sociedades muito bem que tuda perda de trabalho provoca uma ferida profunda na identidade de diferentes pessoas; concernindo para a desagregação de suas personalidades. Vou, em seguida, tentar mostrar como, em nossas sociedades, a perda do trabalho é um fenômeno que, de um ponto de vista sociológico, pode ser considerado como um fenômeno que trabalhamos trabalho é um dos elementos constitutivos do ser humano. Mas, naturalmente, vou por outro além. Então, nesse sentido, vou propor que consideremos o trabalho.

Em primeiro lugar, pensar que era a civilização do trabalho de vinte anos atrás, para melhor compreendermos o que significa a perda do trabalho nos dias de hoje. Em segundo lugar, pensar as consequências efeitos da nova situação, que tentarei traçar aqui, para vermos em quais pontos, em quais domínios, em quais dimensões, nossas sociedades, nossas civilizações, nos levam a pensar que, em certo sentido, o trabalho é um elemento constitutivo do ser humano.

A primeira parte vu pulverá dar o título: "de onde vemos?" Ou seja, qual é a civilização na qual, de um ponto de vista, que é o meu, que é o ponto de vista de um sociólogo, que é o ponto de vista de fazer uma comparação muito rápida entre nossa concepção do trabalho e aquela que existia na civilização do trabalho, que era a civilização do trabalho, que era a nossa, há vinte anos. Vou, em seguida, tentar mostrar como, em nossas sociedades, a perda do trabalho não significa absolutamente o mesmo que significava, em sociedades muito bem que, logo, após, os romanos chamaram o trabalho, que, em latim, era "tripalium", que significava, em latim, o instrumento de tortura. Como, em latim, "que torturar". Além disso, como dizem particularmente Pedon e Anzieiteu, o trabalho é aquilo que, em nossas sociedades, é considerado como um fenômeno que, de um ponto de vista, que é o meu, Enrique, nesse sentido, vou propor que consideremos o trabalho como um fenômeno ambíguo. Assim, a necessidade de produzir e de comercializar, por exemplo, ficará a cargo dos escravos.

Nesse sentido, o trabalho, que, em latim, era "tripalium", que significava, em latim, que, nesse sentido, daqui que foi a escravatura em nossas sociedades, até o final do século XIX. Tecnicamente, o trabalho, que, em latim, era "tripalium", que significava, em latim, que, nesse sentido